

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 51/53
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

do tempo
depois disso
deixa que vivam
na natureza, sem
o tal, o tal...
por isso de um dia
para o outro

Drummond
O mundo de Drummond
está em todos os lugares
e não se pode esquecer
de ler o seu livro

DF
LETRAS
faz dez anos...

ORA
faz dez anos...

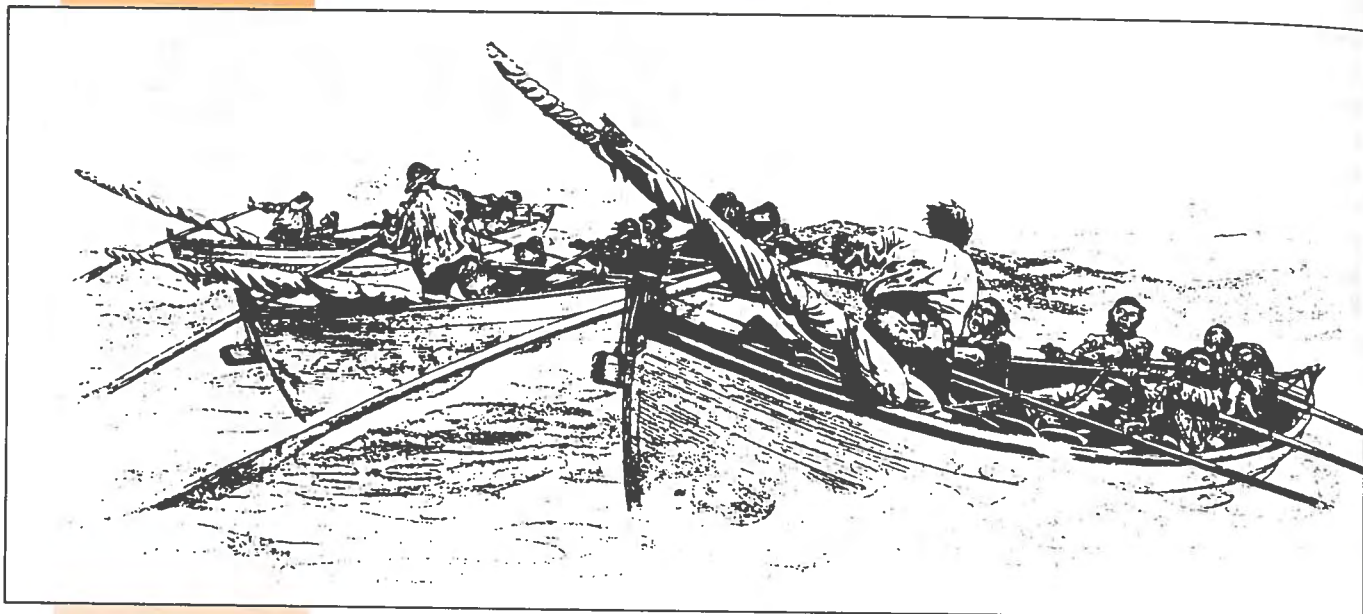
A ousadia
que deu
bons frutos

DF Letras.

A N O S

**Pirajibana
enfeitiça telegrafista
de Salinas**

**A crítica e a crítica
dos "comunicólogos
de carteira"**



Duas produções da Província Literária do Ceará:

Esse romance de Caminha, raro, imprevisto, que não teve a repercussão no País que deveria ter tido, obteve afinal a sorte de encontrar uma analista de amplos poderes. Muitos são os pontos singulares apresentados primordialmente por Luiza.

□ CASSIANO NUNES

Um romance e uma tese excepcionais

Há um bom número de anos, em virtude de minhas atribuições no Departamento de Letras da Universidade de Brasília, conheci a mestranda cearense Luiza Nóbrega e li a sua tese sobre *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, autor que também teve sua origem no Ceará, província literária das mais importantes no Brasil. Tive, então, a oportunidade de apreciar a boa qualidade da tese e de admirar o talento da jovem estudante. A tese foi aprovada e automaticamente arquivada, o que acontece com a maioria das teses que, entre nós, são aprovadas. Infelizmente, não chegam a ser divulgadas. Anos de leituras e pesquisas, revelações surpreendentes e finas observações, tudo isto acaba encerrado num arquivo e ninguém mais toma conheci-

mento desses trabalhos por mais valiosos que sejam. Há qualquer coisa de "teatro de absurdo" - de Beckett ou Arrabal - nesse procedimento lamentavelmente regular. Afortunadamente, fui agora informado de que há oportunidade de publicação da dissertação de Luiza Nóbrega. Convidado amavelmente por ela para prefaciar essa edição, fui reler a tese e fiquei surpreendido - não obstante o conhecimento anterior do trabalho -, com o alto nível da obra. Já esquecera, em grande parte, as reflexões e processos críticos apresentados na rica exposição.

Para justificar o feliz resultado da dissertação a respeito do excepcional romance de Caminha, devo, em primeiro lugar, dar relevo aos múltiplos pendores intelectuais e artísticos de sua autora. Conheci Luiza Nóbrega fundamentalmente como artista plástica e poetisa que, de modo natural, se prolongou em ensaísta sagaz e bem formada, além de estudiosa de assuntos esotéricos. De todos esses privilégios mostra marca na feitura da tese "Um Romance Maldito - O Triunfo de Lúcifer sobre o Arcanjo *O Bom Crioulo* de Adolfo Caminha", terminada em junho de 1986.

Esse romance de Caminha, raro, imprevisito, que não teve a repercussão no país que devia ter tido, obteve afinal a sorte de encontrar uma analista de amplos poderes. Muitos são os pontos singulares apresentados pri-

mordialmente por Luiza. O principal deles decorre da firme e clara proposta da fusão de elementos naturalistas e simbolistas no romance do ex-oficial de Marinha, e que mostra como o discípulo de Zola se relacionou com o titanismo de Cruz e Sousa. Foi, aliás, esse ideal titanista que levou o poeta negro à genialidade dos *Últimos Sonetos*. Pelo menos, foi isto o que propus no ensaio "Cruz e Sousa e o Mito do Poeta como Herói Moral". Realmente perturbou o espírito dos literatos patricios, que tendem a ver tudo compartimentado, o fato do naturalista de *A Normalista* ter sido dos primeiros a reconhecer o gênio de Cruz e Sousa, corifeu do simbolismo.

O estudo da mestra cearense sobre *O Bom Crioulo* não se limita a pôr em prática um único processo de análise. Embora privilegie o cabedal comparatista, a analista dedica-se também ao emprego de outros métodos interpretativos como acontece quando usa a análise estilística, de que temos, no país, excelentes exemplos.

Atenta à genealogia das idéias, não escapa também a Luiza a possível origem do titanismo de Cruz e Sousa em Castro Alves. A autora da tese, corajosa, traz ainda para a sua análise comparatista tanto *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, como *A Morte em Veneza*, de Thomas Mann. A poesia de Mallarmé também comparece ao

percurso interrogativo. E o encerramento das comparações acontece com duas novelas marítimas extraordinárias de Melville, Benito Cereno e Billy Budd, que reuni no volume intitulado *Os Dramas do Mar*, lançado pela popular e benemérita Coleção Saraiva. Não foi o autor do *Moby Dick* o único autor importante norte-americano que lancei através desse empreendimento editorial vitorioso. O primeiro romance de Henry James apareceu no Brasil também por intermédio da Coleção Saraiva, que teve longa duração, nesta nação pouco dada à permanência, à continuidade.

Entre muitas idéias novas lançadas por Luiza a respeito do romance máximo, solitário, de Adolfo Caminha, destaco o simbolismo das cores, perquirição decerto estimulante para uma *scholar* que é, ao mesmo tempo, desenhista, pintora e mente devotada aos estudos esotéricos.

Terminada a releitura dessa memória excepcional sobre uma obra tão indômita quanto complexa, e que foi anunciadora de novos tipos de comportamento social, encerro estes comentários expressando um forte desejo: o de que, neste país adverso à inteligência, Luiza Nóbrega não se desvie do seu itinerário criativo, pois temos boas razões para esperar outras obras do seu espírito, que venham dar mais prestígio ao nosso patrimônio cultural.

